

ESCRavidÃO NA MARCHA PARA O OESTE PAULISTA: CONTINUIDADE E RUPTURA NA COMPOSIÇÃO DAS SENZALAS DE CAMPINAS, 1790 – 1810

Carlos Eduardo Nicolette¹

Resumo: Este artigo objetiva compreender a formação das senzalas da vila de Campinas, interior de São Paulo, entre os anos de 1790 e 1810. O recorte temporal desta pesquisa advém de um momento crucial para a região do Oeste Paulista, quando houve um brusco aumento do preço do açúcar no mercado internacional e um rápido investimento em engenhos na região. Com a utilização de dezessete listas nominativas de habitantes de Campinas entre 1790 e 1810, este artigo propõe uma análise longitudinal a fim de identificar as possibilidades de permanência de escravizados, por anos a fio, numa mesma senzala. Para tal objetivo, foram selecionadas cinco senzalas de 1790 que possuíam 10 cativos ou mais, a partir das quais foram elaborados extensos mapas, nos quais cada cativo foi acompanhado individualmente. Como resultado da análise, percebeu-se nas escravarias uma impressionante estabilidade, apesar de muitos cativos desaparecerem em determinado ano e, por vezes, voltarem posteriormente. Muitos escravizados permaneceram por até 20 anos na mesma senzala. No que diz respeito aos sexos, mantiveram uma tendência de equilíbrio entre homens e mulheres, mas com os casados sendo mais representativos nessa continuidade em relação aos solteiros.

Palavras-chave: Escravidão; Demografia Histórica; Lista Nominativa de Habitantes

SLAVERY IN THE WESTWARD EXPANSION: CONTINUITY AND RUPTURE IN THE SLAVE QUARTERS, CAMPINAS, 1790 - 1810

Abstract: This article aims to understand the formation of slave quarters in the village of Campinas between the years 1790-1810. This research's time framing was made due to a crucial moment for the *Oeste Paulista* area, when there was a sudden increase in the price of the sugar in the international market and a rapid investment in mills in the region. With the use of seventeen Nominative Lists of Inhabitants of Campinas between 1790-1810, this article made a longitudinal analysis that aims to identify the possibilities of the permanence of enslaved people, for years on end, in the same slave quarters. For this purpose, five slave quarters from 1790 that had ten

¹ Mestrando em História Social pela FFLCH/USP, sob a orientação do Dr. Carlos de Almeida Prado Bacellar. Contato: carlos.nicolette@usp.br. Agradeço à CNPq pelo financiamento inicial de minha pesquisa de mestrado e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo pelo auxílio no período posterior, sob o processo nº 2018/05314-7. Também agradeço a Natalie Nascimento, Breno Moreno e a todos do grupo do CEDHAL/USP pela leitura e comentários sobre a versão inicial do presente texto. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3499627614529249>. E-mail: carlos_eduardo0808@hotmail.com.

slaves or more were selected, elaborating extensive maps, in which each slave was accompanied individually. Slave quarters, when viewed in a longitudinal way, showed impressive stability, despite the fact that many slaves disappeared in a given year and sometimes returned later. Many enslaved people remained in the same slave quarters for up to 20 years. Concerning to gender, they maintained a tendency of balance between men and women, but with married people being more representative in this continuity.

Keywords: Slavery; Historical Demography; Nominative Lists of Inhabitants

Introdução

Este artigo tem por objeto de análise o processo de ampliação e manutenção das escravarias de Campinas (São Paulo) durante o período de montagem de seu parque açucareiro após a Revolução de Saint-Domingue, ocorrida na década de 1790. Apesar da montagem do complexo canavieiro não ter sido, enquanto fato histórico, negligenciada pela historiografia, é preciso salientar a inexistência de tratamentos mais detidos em relação aos seus efeitos demográficos e ao ritmo de crescimento das escravarias a partir das listas nominativas de habitantes.

O primeiro objetivo deste texto é compreender as variações na demografia escrava de algumas senzalas de Campinas, categorizando suas transformações para melhor analisá-las. O segundo é comparar as mesmas escravarias durante 20 anos para perceber se existe a possibilidade de manutenção dos mesmos cativos durante o período. Buscar-se-á, assim, investigar (i) a formação das senzalas da vila de Campinas, que viria a ser o maior polo açucareiro da primeira metade do século XIX em São Paulo e (ii) analisar o perfil demográfico de tais cativos, à luz das questões acerca de suas continuidades e rupturas dentro da mesma senzala².

² É crucial estudar as transformações do regime demográfico escravo, pois como ressaltava Robert Slenes, "açúcar e escravidão rapidamente tornaram-se praticamente 'sinônimos' em Campinas e o crescimento da população cativa foi explosivo: em torno de 18% ao ano entre 1789 e 1801, e 5% ao ano entre 1801 e 1829". Cf.: SLENES, Robert W. A formação da família escrava nas regiões de grande lavoura do Sudeste: Campinas, um caso paradigmático no século XIX. *Revista População e Família*. São Paulo, vol. 1, n.º 1, 1998, p. 17

Os documentos aqui utilizados foram as listas nominativas de habitantes e se fez necessário enquadrar um debate sucinto que pudesse abarcar as melhores finalidades e também limitações da fonte. Isto posto, o artigo discutirá, também, de forma breve, a historiografia acerca da formação do Oeste Paulista a fim de compreender a conjuntura na qual fez parte Campinas na década de 1790, problematizando, assim, as continuidades e as rupturas dentro das escravarias que serão discutidas ao longo do texto.

Os pesquisadores Herbert Klein e Francisco Luna apontaram para uma necessidade de se conhecer melhor os três primeiros séculos da história de São Paulo, visto o interesse restrito de grande parte dos estudiosos da escravidão pelo período pós-1850³. No que tange ao uso das fontes, uma das principais contribuições do livro encontra-se na ênfase econômica conferida às listas nominativas. Foi a partir dessa documentação que os autores evidenciaram que a região do quadrilátero açucareiro concentrou o grosso do crescimento econômico e demográfico da capitania durante a virada do século XVIII para o XIX⁴. Os pesquisadores assinalaram que houve grande salto demográfico na região resultante da rebelião de Saint-Domingue – que paralisou o maior produtor de açúcar do mundo. O fenômeno migratório foi percebido, principalmente, pela introdução de um grande número de escravizados africanos em São Paulo, em especial no Oeste Paulista⁵, pois foi sobre o braço cativo que se montou a lavoura de exportação⁶. Já a partir do aumento do preço do açúcar no mercado internacional, os autores afirmam que os fazendeiros de São Paulo começaram a reverter seus esforços cana-de-açúcar e em adquirir o maquinário necessário para a montagem de um

³ A versão aqui utilizada é LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. *Evolução da sociedade e economia escravista de São Paulo, de 1750 a 1850*. São Paulo: Edusp, 2006.

⁴ LUNA; KLEIN, 2006, pp. 55-81

⁵ EISENBERG, Peter. *Homens esquecidos: escravizados e trabalhadores livres no Brasil, séculos XVIII e XIX*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

⁶ EISENBERG, 1989, pp. 50-51.

engenho, que pressupunha um grande poder aquisitivo na época – culminando numa elite econômica ligada à terra⁷.

Sobre a formação do Oeste Paulista, também contribui José Evando Vieira de Melo, em sua tese *O açúcar no café: agromanufatura açucareira e modernização em São Paulo*, na qual defende que, apesar das transformações regidas por Morgado de Mateus na capitania de São Paulo, foi a partir do governo de Bernardo José de Lorena, 1788 a 1797, que a província mostrou um nível de exportação razoável – apesar de já existir a lavoura canavieira em São Paulo antes desse período, destacando-se a vila de Itu⁸. Melo afirma ainda que as vilas de Itu, Campinas e Mogi Mirim foram os centros que disseminaram essa nova agromanufatura escravista de exportação que vai se consolidar ao longo do século XIX. Maria Thereza Petrone traçou o paralelo existente entre o crescimento do número de engenhos, o aumento na ocupação de novas áreas e a formação de uma nova elite que não estava restrita a uma vila, mas à região que ela chamou de “Quadrilátero do Açúcar”⁹.

Historiador que também pesquisou o Oeste Paulista e trouxe à luz dados interessantes sobre esse espaço e o crescimento de sua agromanufatura foi Pablo Oller Mont Serrath, em sua extensa pesquisa sobre a formação da agricultura exportadora¹⁰. Mont Serrath segue na mesma linha de José Evando Vieira de Melo ao afirmar que, apesar das transformações causadas por toda a reformulação administrativa dos ilustrados portugueses durante a segunda metade do século XVIII, apenas na década de 1790, após a Revolução de Saint-Domingue, ocorreu a efetiva entrada de escravizados africanos em São

⁷ LUNA; KLEIN, 2006, p. 52.

⁸ MELO, José Evando Vieira de. *O açúcar no café: agromanufatura açucareira e modernização em São Paulo (1850-1910)*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

⁹ PETRONE, Maria Thereza Schorer. *A lavoura canavieira em São Paulo: Expansão e declínio (1765-1851)*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

¹⁰ MONT-SERRATH, Pablo Oller. *Dilemas e conflitos na São Paulo restaurada: Formação e consolidação da Agricultura Exportadora (1765-1802)*. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

Paulo e o progressivo fluxo de comércio com o mercado global. Ele afirma que entre os anos de 1785 e 1790 entraram e saíram apenas 7 embarcações do porto de Santos para portos transatlânticos, enquanto que entre 1791 e 1796 foram 36 embarcações, resultando em um aumento de 514%¹¹.

Por fim, o ano escolhido para estabelecer o recorte temporal é 1790, devido à revolução da colônia francesa caribenha de Saint-Domingue, iniciada em 1791. Muitas das transformações do Oeste Paulista se devem ao início da revolução, a qual aconteceu a partir de uma insurgência em um contexto em que as revoltas escravas eram cotidianas. Em relação ao marco criado por Saint-Domingue, ele foi fundamental devido à sua impressionante lavoura canavieira no período, que ocupava até a revolução o primeiro lugar do mundo em relação à produção de açúcar¹². Houve também o aumento na demanda de açúcar pelos europeus ao longo do século XVIII e um consequente aumento no preço do produto, o que abriu a possibilidade para outras regiões expandirem suas produções¹³; como afirmam os historiadores Klein e Luna, "São Paulo passou de uma zona de fronteira peculiar para uma bem estabelecida sociedade agrícola e comercial baseada na grande lavoura [...] e foi o açúcar o produto que assinalou essa grande mudança"¹⁴.

A fonte em perspectiva: listas nominativas em suas possibilidades e imitações

Para o estudo aqui proposto da vila de Campinas no período colonial, como dito anteriormente, as listas nominativas são fontes seriais valiosas. É relevante discutir rapidamente a confecção das listas nominativas. Para

¹¹ MONT-SERRATH 2007, pp. 129-130.

¹² MINTZ, Sidney. O poder amargo do açúcar. Produtores escravizados, consumidores proletarizados. Organização e tradução de Christine Rufinu Dabat. Recife: Editora Universitária UFPE, 2003, p. 40.

¹³ MORENO FRAGINALS, Manuel. O Engenho: complexo sócio-econômico açucareiro cubano. Trad. Sônia Rangel e Rosemary C. Abílio. São Paulo: HUCITEC/Ed. UNESP, 1987, pp. 37-38. BLACKBURN, Robin. *The American Crucible: Slavery, Emancipation and Human Rights*. New York: Verso, 2007, pp. 160-163.

¹⁴ Luna; Klein, 2005, p. 52.

conhecer melhor a população e organizar as tropas, Morgado de Mateus ordenou o início imediato do levantamento populacional das vilas de São Paulo e da condição econômica de cada uma delas. Isso foi realizado por meio das listas nominativas, também chamadas de maços de população, de modo que foram elaboradas, em grande parte, sob a orientação de uma estrutura militar, as Companhias de Ordenança de terra. Já no século XIX, porém, sua finalidade não era apenas atender às demandas da Bacia do Prata e à organização econômica de São Paulo. O levantamento de dados da população foi feito quase que anualmente pelas milícias constituídas por Companhias, através dos capitães-mores, sargentos de milícias e cabos de esquadra¹⁵.

O fogo, primeira base de ocupação da terra, pode ser considerado como uma unidade econômica e de trabalho, pois todos ali estavam em torno de atividades organizadas que visavam à manutenção do grupo doméstico, ou seja, não é necessariamente uma residência, podendo ser, portanto, um local com várias habitações. Em cada fogo poderiam estar presentes agregados e escravizados, além do núcleo familiar básico, isto é, todos de uma unidade residencial. Também não é incomum encontrar nas listas nominativas mulheres solteiras nos centros urbanos ou viúvas que administravam uma fazenda¹⁶.

Isto posto, as listas nominativas fornecem informações sobre a população da vila, como a idade, o local de origem e o estado conjugal dos sujeitos, bem como, em muitos casos, a atividade econômica do chefe do fogo. Ademais, constam informações relevantes sobre a produção agrícola de cada fogo, tanto em termos da sua natureza (milho, açúcar, arroz etc.), quanto da quantidade produzida. O foco do presente trabalho está nas senzalas de Campinas, dessa forma, a observação tem como *locus* as

¹⁵ BACELLAR, Carlos de A. P. As listas nominativas da capitania de São Paulo sob um olhar crítico (1765-1836). *Anais de História de Além-Mar*. Vol. XVI, 2015, pp. 315-316.

¹⁶ MARCÍLIO, Maria Luiza. *Crescimento demográfico e evolução agrária paulista (1700-1836)*. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 2000, pp. 132-137.

escravarias a fim de apresentar o perfil demográfico dos cativos que permaneceram nas senzalas ao longo do tempo, mas não só: também se pode entender quais foram aqueles que não continuaram.

As listas nominativas de Campinas, por caracterizarem os cativos, contendo não apenas a quantidade de escravizados, mas também seu nome, idade e origem, possibilitam o melhor entendimento das escolhas dos senhores na construção de suas propriedades e investimentos, visto os cativos serem um fator de riqueza mais importante que a terra. Conforme Luna e Klein, “embora o acesso à terra fosse fundamental, foi o tamanho da força de trabalho o fator mais importante na determinação da riqueza de um domicílio”¹⁷.

Um importante cuidado para com esse tipo de fonte diz respeito ao possível sub-registro de escravizados, sendo que para resolver tal problemática referente às listas, propõe-se aqui a pesquisa longitudinal, ou seja, que acompanhe a mesma vila por vários anos. A necessidade de se trabalhar com o estudo longitudinal na Demografia Histórica fica evidente, por exemplo, quando considerado um parâmetro como a idade dos sujeitos. Notou-se que a distribuição das idades ao longo das listas tem picos em 20, 30 e 40 anos. Isso acontece porque, naquele quadro histórico, saber a idade com precisão era algo pouco comum e cuja relevância é bastante discutível. Segundo Bacellar, é habitual encontrar as idades em outras documentações, como inventários, sob a fórmula “tem tantos anos, pouco mais ou menos”, o que demonstra a imprecisão de tais informações¹⁸. Como as idades não eram precisamente conhecidas, é grande a possibilidade de que a mesma pessoa — o chefe de domicílio, por exemplo — informasse números aproximados ou mesmo esquecesse de indicar a presença de alguém. Portanto, o olhar longitudinal entre 1790 e 1810 se faz necessário para qualificar as informações obtidas.

¹⁷ LUNA; KLEIN, 2005, p. 80.

¹⁸ BACELLAR, 2015, p. 326.

Vale dizer que o potencial da metodologia nominativa não reside no simples delineamento da trajetória do indivíduo, mas está em extrair de sua experiência ensinamentos sobre a sociedade da qual o sujeito fez parte. Dito isso, se torna mais evidente o papel central da investigação acerca da reincidência dos cativos nas senzalas de Campinas nas diferentes listas nominativas, pois apenas assim se poderá criar o quadro do que teria sido a trajetória de vida de cada um desses indivíduos ao longo dos anos. Também por essa centralidade, se escolheu trabalhar com todas as listas nominativas do período, pois poder-se-ia incorrer em equívocos na continuidade das escravarias caso se utilizasse apenas uma lista com um determinado intervalo de tempo, uma vez que existem escravizados que desaparecem da listagem em alguns anos e voltam posteriormente a aparecer na senzala.

Deve-se reiterar, por fim, as dificuldades que os sujeitos do século XIX tiveram para fazer o levantamento populacional. Bacellar afirma que as vilas possuíam “territórios bastante alargados, com vias de comunicação precárias e segmentos da população internados em áreas ermas do sertão”¹⁹, fenômenos que dificultavam todo e qualquer recenseamento. Assim sendo, cabe ao historiador enfrentar esses problemas, quantitativos e qualitativos, não presumindo que as listas retratam a realidade sobre o passado.

As senzalas de uma Campinas em expansão econômica

Para a realização desta pesquisa, foram observadas todas as listas nominativas de habitantes de Campinas e fez-se o acompanhamento das escravarias longitudinalmente entre os anos de 1790 e 1810²⁰. Isso porque foi um período crucial para o desenvolvimento da lavoura açucareira da vila, com os fazendeiros tendo aproveitado a alta no preço da *commodity* no

¹⁹ Ver: BACELLAR, Carlos de A. P. Arrolando os habitantes no passado: as listas nominativas sob um olhar crítico. *Locus: revista de história*. Juiz de Fora, v. 14, n. 1, 2008.

²⁰ Não foram encontradas listas nos arquivos para os anos de 1795 e 1802.

mercado internacional para ampliarem suas produções, além da constituição de novos engenhos por outros sujeitos.

Para selecionar as escravarias que seriam longitudinalmente acompanhadas, adotou-se o ano de 1790 como base e o recorte de 10 ou mais escravizados no primeiro ano do estudo. Foram encontradas cinco escravarias com o perfil descrito, de forma que não se realizou um extenso trabalho de demografia histórica acerca da vila de Campinas e, apesar de não ser um expressivo número de senhores de escravizados, o acompanhamento anual dessas escravarias pode trazer resultados pertinentes. Reitera-se, por fim, que apesar de o artigo não pretender encerrar o assunto, mas, sim, propor um olhar sobre as práticas escravistas, este exercício pode contribuir para um maior entendimento sobre a escravidão colonial, em especial o processo de montagem de grandes escravarias paulistas. Para tal fim, as escravarias foram divididas em algumas categorias, que seguem na tabela 1.

Tabela 1 – Escravarias de Campinas, 1790-1810

Antônio Ferraz de Campos																			
Ano	90	91	92	93	94	96	97	98	99	00	01	03	04	05	06	07	08	09	10
Homens entre 16 e 55 anos	12	19	17	21	20	25	22	26	23	23	24	21	20	20	-	-	-	-	-
Mulheres entre 16 e 55 anos	6	14	14	11	11	13	10	12	9	10	11	11	11	11	-	-	-	-	-
Crianças	7	8	8	10	10	9	11	11	11	6	17	17	17	17	-	-	-	-	-
Recém-nascidos	1	1	1	0	0	5	1	1	0	7	3	1	2	2	-	-	-	-	-
Homens com mais	1	2	1	1	1	1	1	3	4	4	4	5	5	5	-	-	-	-	-
Mulheres com mais de 56 anos	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	-	-	-	-	-
Total	27	44	41	43	42	53	45	53	48	51	60	55	55	55	-	-	-	-	-

Felipe Neri Teixeira

Ano	90	91 ^a	92	93	94	96	97	98	99	00	01	03	04	05	06	07	08	09	10
Homens entre 16 e 55 anos	4	4	7	11	15	14	20	18	20	16	16	20	17	18	17	-	19	20	23
Mulheres entre 16 e 55 anos	5	0	6	5	6	7	8	7	8	3	6	7	7	7	10	-	10	11	11
Crianças	4	1	5	6	8	9	11	13	9	11	15	11	16	15	14	-	20	17	14
Recém-nascidos	0	0	0	2	0	2	3	1	3	2	2	3	0	1	4	-	4	2	-
Homens com mais de 56 anos	2	2	2	0	0	1	0	0	0	1	2	1	2	2	2	-	2	2	3
Mulheres com mais de 56 anos	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	-	0	1	0
Total	16	7	21	24	29	33	42	39	40	34	42	43	42	43	47	-	55	53	51

Joaquim José Teixeira

Ano	90	91 ^a	92	93	94	96	97	98	99	00	01	03	04	05	06	07	08	09	10
Homens entre 16 e 55 anos	3	3	4	13	14	14	14	15	-	20	19	18	14	20	20	21	23	21	19
Mulheres entre 16 e 55 anos	1	0	5	3	3	3	4	3	-	7	6	6	5	6	6	6	11	13	14
Crianças	5	3	4	4	3	5	4	5	-	4	4	5	7	9	8	8	1	2	2
Recém-nascidos	1	0	0	0	0	0	1	0	-	2	1	1	2	0	1	0	0	0	1
Homens com mais de 56 anos	0	0	0	0	0	0	0	0	-	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0
Mulheres com mais de 56 anos	0	0	0	0	0	0	0	0	-	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total	10	6	13	20	20	22	23	23	-	33	30	30	30	35	35	35	35	36	36

Maria Teresa do Rosário

Ano	90	91	92	93	94	96	97	98	99	00	01	03	04	05	06	07	08	09	10
Homens entre 16 e 55 anos	2	2	2	2	1	1	1	1	3	3	3	4	4	3	2	2	2	3	3
Mulheres entre 16 e 55 anos	2	4	4	4	4	6	7	6	7	7	7	5	5	6	6	6	3	2	3
Crianças	8	6	5	4	4	2	3	5	4	4	5	5	5	4	5	3	3	2	2
Recém-nascidos	0	0	0	0	0	2	2	0	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0
Homens com mais de 56 anos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Mulheres com mais de 56 anos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total	12	12	11	10	9	11	13	12	15	15	15	15	15	14	13	11	8	7	8

João Rodrigues da Cunha

Ano	90	91	92 ^a	93	94	96	97	98	99	00	01	03	04	05	06	07	08	09	10
Homens entre 16 e 55 anos	2	6	3	3	3	3	3	3	4	4	3	2	2	-	2	1	2	2	-

Mulheres entre 16 e 55 anos	1	5	2	5	5	4	2	2	3	3	3	3	3	-	2	2	2	2	-
Crianças	6	6	5	5	4	4	4	3	4	2	1	1	1	-	1	1	1	1	-
Recém-nascidos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-	0	0	0	0	-
Homens com mais de 56 anos	2	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-	0	0	0	0	-
Mulheres com mais de 56 anos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-	0	0	0	0	-
Total	11	18	11	13	12	11	9	8	11	9	7	6	6	-	5	5	5	5	-

Nota: a. Nesses anos houve um repentino desaparecimento do recenseamento de cativos, os quais voltam nos anos subsequentes. Mas especificamente as mulheres que possuem entre 15 e 55 anos.

Fonte: Listas Nominativas de Campinas, 1790-1810. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Numa primeira análise geral, percebem-se dois grupos distintos entre as escravarias: o primeiro, formado pelos proprietários Antônio Ferraz de Campos, Felipe Neri Teixeira e Joaquim José Teixeira, os quais viram suas senzalas crescerem ao longo do período selecionado; e o segundo grupo, formado por Maria Teresa do Rosário²¹ e João Rodrigues da Cunha, viram suas senzalas diminuir no mesmo período.

As escravarias do primeiro grupo não apenas foram ampliadas, como também a população acrescida teve um perfil bastante específico: foram em sua maioria homens jovens, no auge da idade produtiva e da força de trabalho. Peter Eisenberg trouxe à baila os preços do açúcar branco na praça de Amsterdã, em que se percebe um aumento de 174%²² no valor do artigo entre 1789 e 1799. Sendo assim, a demografia dessas escravarias e o aumento no preço do açúcar evidenciam uma estratégia destes proprietários em

²¹ Como referência de dono dos cativos, utilizou-se os chefes de fogo, ou seja, aqueles que apareciam como donos da propriedade. Porém, fez-se a escolha de utilizar a Maria Teresa que é esposa de José da Silva Leme até a data da morte deste, 1794. Logo em 1797, ela se casou com Rafael de Oliveira Cardoso, sendo este o chefe do fogo, pois o costume era sempre o homem enquanto líder da propriedade. Mas todos os escravos de seu fogo parecem ser de Maria Teresa, que ela trouxe do antigo casamento, por essa questão se decidiu utilizá-la enquanto sujeito de análise.

²² EISENBERG, Peter. *Homens esquecidos: escravizados e trabalhadores livres no Brasil, séculos XVIII e XIX*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989, p. 326. O autor calculou o preço pela média quinquenal, sendo 0,264 florins por libra do produto para o período 1785-1789 e 0,66 libras para 1795-1799.

aumentar sua produção, visto serem todos senhores de engenho e a mão de obra principal no eito canavieiro ser a masculina. Em outras palavras, foram três sujeitos que aproveitaram a conjuntura de aumento no preço do açúcar no mercado internacional e prosperaram na economia colonial.

A mesma divisão entre proprietários de cativos realizada anteriormente, pode ser feita em relação aos recém-nascidos nas senzalas. Conforme avança a década de 1790, cresce o número de nascimentos nas grandes escravarias, enquanto nas menores apenas se mantém. A hipótese principal é que o crescimento do número de escravizados também tenha gerado um aumento de casamentos e da formação de famílias cativas; não à toa, a maior escravaria do período estudado, pertencente a Antônio Ferraz de Campos, possuiu igualmente a maior média de crianças e recém-nascidos²³. Porém, é necessário ressaltar que até o ano de 1798, as informações sobre os casados não seguem um determinado padrão, ou seja, em alguns anos existem esses registros, noutros somem e voltam a aparecer para os mesmos sujeitos.

Em relação ao número de mulheres cativas em idade produtiva, é interessante notar que, se comparado anualmente aos homens, varia razoavelmente mais no tempo. Isso porque não mostra um constante crescimento entre as maiores escravarias, tampouco evidencia um padrão demográfico, estabelecendo grandes transformações na razão de sexo ano a ano nas três maiores escravarias. Por outro lado, as senzalas de Maria Teresa e João Rodrigues tenderam ao equilíbrio entre os sexos. A diferença na razão de sexo pode se relacionar ao trabalho na produção açucareira, já que os

²³ O historiador Robert W. Slenes, em seu livro *Na Senzala uma flor*, ao discutir formação de famílias cativas em Campinas, percebeu que o número de casados e nascidos nas senzalas da vila era relativamente maior que outras localidades, em especial, o Rio de Janeiro. Segundo o autor, havia um "clima ideológico" que teria estimulado os proprietários rurais com mais de 10 escravizados a incentivar o casamento religioso e a formação de famílias nucleares entre seus escravizados. Cf.: SLENES, Robert W. *Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava, Brasil Sudeste, século XIX*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

homens eram o principal meio de força de trabalho; assim, se sugere que devido à economia campineira se encontrar em plena expansão após 1790 por causada da produção açucareira, a escolha dos proprietários de terras que procuraram expandir suas produções foi a de manter e focar seus recursos prioritariamente em escravizados homens jovens e não em mulheres.

No que tange às opções senhoriais em relação às suas escravarias ao longo das décadas estudadas, percebe-se que não há, nos cinco casos levantados, uma estratégia única na formação das senzalas. Apesar de existirem padrões mais facilmente identificáveis – como a escolha por homens jovens pelos proprietários mais ricos –, o período para adquirir escravizados foi relativamente diferente, visto que a hipótese inicial era que, por serem irmãos, Felipe Neri Teixeira e Joaquim José Teixeira poderiam adquirir cativos nos mesmos anos. Entretanto, como se observa na tabela 2, enquanto este último teve sua escravaria acrescida de adultos em apenas dez anos até 1810, seu irmão Felipe não adquiriu escravizados em apenas três anos. O mesmo ocorreu com Antônio Ferraz de Campos, que não aumentou sua escravaria durante o mesmo recorte (mas, sim, em outros anos), demonstrando posturas bastante diferentes. Por outro lado, comparando as décadas 1790-1799 e 1800-1810 entre si, é nítido que o esforço em adquirir cativos se concentrou no primeiro recorte, justamente durante o crescente aumento no valor do açúcar no mercado internacional após a queda de Saint-Domingue²⁴.

Tabela 2 – Entrada anual de cativos adultos nas escravarias de Campinas, 1790-1810

	Antônio Ferraz de Campos	Felipe Neri Teixeira	Joaquim José Teixeira	Maria Teresa do Rosário	João Rodrigues da Cunha
1790	-	-	-	-	-
1791	18	0	0	1	9
1792	1	6	5	0	1

²⁴ EISENBERG, 1989, pp. 327-328. O autor mostra que no período 1800-1810 os preços do açúcar, apesar de continuarem altos, se tornaram mais instáveis, devido ao aumento da produção mundial que cresceu na esteira da revolução de Saint-Domingue.

1793	5	7	12	0	5
1794	0	5	0	0	0
1796	13	5	2	0	1
1797	7	8	2	0	2
1798	3	1	0	0	0
1799	2	2	-	2	0
1800	2	0	6	0	0
1801	1	0	0	0	0
1803	1	2	0	0	0
1804	0	4	2	0	0
1805	0	1	1	0	-
1806	-	2	1	0	0
1807	-	-	0	0	0
1808	-	5	4	0	0
1809	-	0	1	0	0
1810	-	2	2	0	-

Fonte: Listas Nominativas de Campinas, 1790-1810. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Em outras palavras, o mercado de escravizados de Campinas não pareceu estar, entre 1790 e 1810, estabelecido de forma intervalada para esses senhores. Ao contrário, pareceu estabelecer-se de maneira permanentemente conectada, a fim de fornecer novos cativos para a expansão da lavoura canavieira. Exemplo é que, em 1791, ano em que os irmãos não somaram escravizados, Antônio Ferraz adquiriu 18 cativos adultos, quase dobrando a mão de obra de sua propriedade.

A vida na mesma senzala: continuidade ou ruptura?

Como dito anteriormente, é inviável uma pesquisa comparativa sobre a continuidade ou não dos cativos entre diferentes regiões na colônia, haja vista não ter feito parte da historiografia uma discussão sobre o tema, sobretudo em locais em plena expansão econômica. Exceção foi o artigo “Sobreviver na senzala: estudo da composição e continuidade das escravarias paulistas, 1798-1818”, de Carlos Bacellar e Ana Volpi Scott, publicado em 1990. Nesse texto, os autores trabalharam com os resultados de suas respectivas dissertações de mestrado, discutindo as listas nominativas de 1798, 1808 e

1818, das vilas de Atibaia, Mogi das Cruzes, Santana de Parnaíba, São Roque, Nazaré e Itu, comparando as economias não-exportadoras das primeiras vilas com Itu, uma economia voltada para a produção açucareira.

A ausência de estudos com esse tema pode ser explicada pela escassez de fontes que permitam realizar o acompanhamento de senzalas ao longo do tempo. Isso porque, em geral, as fontes disponíveis para o estudo da escravidão são pontuais na vida dos sujeitos, como os inventários ou os registros de batismo, casamentos e óbitos – nem sempre com informações de todos os sujeitos, principalmente em relação aos óbitos. Se por um lado as listas nominativas permitem o acompanhamento mais detalhado das escravarias no tempo, por outro acabam por delimitar as análises no espaço – São Paulo é onde elas se encontram em grande quantidade – e no tempo – constam, basicamente, entre 1765 e 1836, com pouquíssimas posteriores. Muito embora, mesmo nesse recorte, inexistam estudos aprofundados sobre as possíveis continuidades dos mesmos cativos nas senzalas, pairando muitas questões sobre sua posse e transformações²⁵.

As cinco escravarias selecionadas apresentam casos de ruptura e continuidade. Antes de entrarmos em suas especificidades, é relevante ressaltar a dificuldade no acompanhamento desses cativos. Como dito anteriormente, as idades dos sujeitos variam muito nos documentos, não apenas dos escravos, como também dos livres – pobres ou ricos. Essa característica da documentação aumenta a dificuldade no acompanhamento das senzalas, pois ela se integra a outra característica: os escravos são identificados, na maior parte dos casos, apenas pelo primeiro nome. Dessa forma, por vezes encontram-se vários

²⁵ A pesquisa de Cristiany Rocha sobre Campinas se aproxima da temática proposta. Utilizando inventários *post-mortem*, a autora indica uma tendência a continuidade das famílias escravas após a morte de seu proprietário, porém a autora não consegue acompanhar as famílias por anos a fio, apenas no primeiro ato da partilha dos bens dos inventariados. Cf.: ROCHA, Cristiany. A morte do senhor e o destino das famílias escravas nas partilhas. Campinas, século XIX. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 26, n.º 52, p. 175-92, dez./2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882006000200008>. Visto em: 08/01/2020.

escravos na mesma senzala com o nome Antônio e idades similares; quando se analisa a lista nominativa seguinte, as idades variam bastante, gerando o questionamento: seriam os mesmos ou quem sabe outros que teriam sido adquiridos? Questão que apenas o estudo longitudinal possibilita esclarecer. Procurou-se, assim, realizar o acompanhamento levando em conta cada senzala e, apesar das dificuldades, muitos cativos conseguem ser acompanhados durante todo o período.

Conforme evidencia o gráfico 1, o primeiro fator em comum é que em todas as escravarias foram encontrados sujeitos que permaneceram por todo o período analisado²⁶ – em números significativos. Excetuando as cativas mulheres de João Rodrigues da Cunha, ao menos 50% dos cativos homens de todos os senhores continuam entre 1790 e 1810.

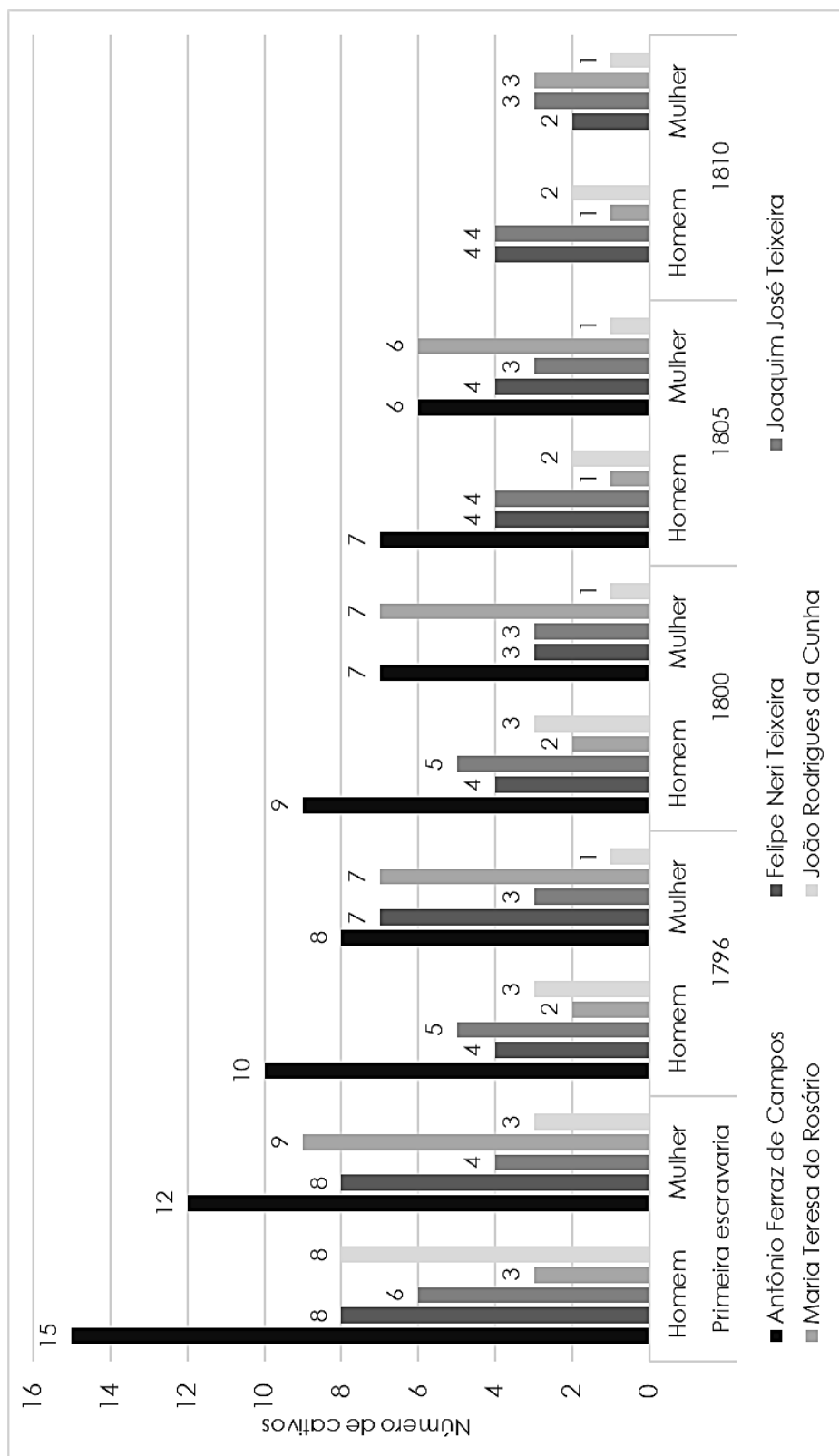
Fenômeno que chama a atenção é a ausência de escravos em determinadas listas nominativas, de forma que somem e voltam a aparecer posteriormente – deve-se lembrar o ano de 1791 em que somem todas as mulheres dos fogos dos irmãos Teixeira, as quais retornam em 1792. Um caso relevante a se destacar é o de Escolástica, cativa de Antônio Ferraz, que na primeira lista nominativa possuía apenas algumas semanas de vida e cresce vivendo na mesma senzala. Ela alcança, em 1800, a idade de 8 anos, segundo a lista; porém a cativa não apareceu na lista de 1797, levantando o questionamento sobre presença na senzala. A primeira hipótese seria de que foi esquecida pelo recenseador, já a segunda se refere à possibilidade de que naquele ano ela não estivesse presente na escravaria. Bacellar e Scott encontraram questão parecida, afirmando que “muitos escravos desaparecem bruscamente do plantel, seja pelo falecimento, pela venda ou mesmo por haverem sido enviados a uma outra propriedade do mesmo senhor – a causa é difícil de ser precisada”²⁷.

²⁶ Exceto o caso de Antônio Ferraz de Campos que falece em 1805 e seus escravos são divididos entre os filhos e a esposa, porém muitos escravos permaneceram até 1805.

²⁷ BACELLAR; SCOTT, 1990, p. 215.

É relevante discutir sobre a existência de um possível padrão demográfico dessa população escrava que permaneceu nas senzalas campineiras: são os homens que representam o maior percentual dos cativos que continuam nas senzalas ao longo das décadas e 1790 e 1800. Ressaltando as escravarias dos irmãos Felipe Neri Teixeira e Joaquim José Teixeira, os quais mantêm, respectivamente, quatro cativos (50%) dos oito cativos presentes em 1790 e quatro cativos (66,6%) dos seis iniciais.

Gráfico 1 – Número de cativos de Campinas presentes em 1790 que continuaram nas senzalas em 1796, 1805 e 1810



Fonte: Listas Nominativas de Campinas, 1790-1810. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Os irmãos Teixeira apresentam, aliás, os maiores casos de continuidade dos cativos entre os proprietários selecionados. Felipe Neri, no ano de 1792 e 1793, acresce sua escravaria num total de 10 homens e 5 mulheres, possivelmente numa reação ao aumento do preço do açúcar e buscando a ampliação de seu engenho. Em relação a esses novos escravizados acrescidos por Neri, foram encontrados, em 1810, 7 homens e 3 mulheres, ou seja, um número considerável de sujeitos que permaneceram na mesma senzala entre 17 e 18 anos. Já seu irmão, Joaquim José, adquiriu, entre 1792 e 1793, 17 novos escravos: 12 homens e 5 mulheres, sendo que desses continuam, até o ano de 1810, 9 e 2, respectivamente.

É visível que a continuidade dos cativos é maior nas grandes escravarias entre os homens. Isso pode ser relacionado ao fato, também, de que as mulheres apresentam a tendência a desaparecer mais de forma repentina das senzalas ao passar dos anos. Por outro lado, João Rodrigues teve sua mão de obra escrava reduzida ao longo da expansão açucareira e apresentou, ainda assim, uma senzala com cativos que permaneceram no tempo: em 1810, sua escravaria era constituída de 5 cativos, sendo que 4 deles estavam presentes em 1790. Em outras palavras, ele não conseguiu desenvolver sua propriedade e adquirir novos escravizados, mas a mão de obra principal que dispunha em 1810 foi quase toda remanescente de seu início enquanto agricultor de cana de partido.

Observando as idades dos cativos, se destacam aspectos relevantes, pensando, principalmente, na alta mortalidade. Isso porque foram encontrados cativos já adultos, porém jovens, como característica fundamental do perfil demográfico na continuidade nas senzalas. Percebeu-se que os escravizados com mais de 40 anos foram a exceção em permanecer por longos períodos, o que pode ser explicado não apenas pela mortalidade, mas pela hipótese de que houve uma estratégia senhorial decidida a renovar sua mão de obra naquela conjuntura econômica de

expansão da lavoura canavieira. Quanto aos casados, para a década de 1790 é difícil precisar se tiveram maior continuidade que os solteiros, pois as informações parecem estar com qualidades distintas. Já no início de 1800, a mobilidade de escravos casados é menor e apresentam maior taxa de permanência, podendo este ser, contudo, um movimento natural, pois aqueles que se encontram há mais tempo na mesma propriedade também tiveram mais oportunidades para casamentos.

A única senzala cujas informações sobre os casamentos durante todo o período são disponibilizadas é a de Antônio Ferraz de Campos e, nesse caso, pode-se afirmar que a união matrimonial, ou seja, a formação de famílias, facilitou a continuidade desses sujeitos na senzala. Isso porque, daqueles 10 escravizados casados em 1790 (do total de 27), 9 permaneceram na mesma senzala em 1800 – sendo que continuaram para o mesmo período 18 escravos. A hipótese é de que João, o único cativo casado que não chegou em 1800, tenha falecido em 1796, visto apresentar no ano anterior 61 anos. Pode-se aventar a mesma hipótese de Bacellar e Scott de que “os escravos casados poderiam ser mais bem tratados, em suas enfermidades, por seus próprios familiares, dispondo de melhores oportunidades de sobrevivência. Há indícios, também, de que os casais escravos poderiam residir fora da senzala, em casebres, escapando das más condições de vida reinantes na habitação coletiva”²⁸. Se, por um lado, sugere-se que os escravos casados tinham uma menor tendência de mobilidade entre senzalas, tem-se por outro lado que os solteiros também poderiam permanecer durante vários anos na mesma propriedade.

Se a continuidade nas senzalas é relevante para os estudos da escravidão, as listas nominativas de habitantes também permitem visualizar as descontinuidades. Conforme ilustra a tabela 3, nos 20 anos estudados,

²⁸ BACELLAR; SCOTT, 1990, p. 216.

passaram mais cativos adultos pelas senzalas do que o total estabelecido ao final do período.

Tabela 3 – Total de cativos adultos nas escravarias selecionadas, Campinas 1790-1810

Proprietários	Total de cativos adultos por ano					Total de cativos adultos que passaram pelas senzalas
	1790	1796	1800	1805	1810	1790-1810
Antônio Ferraz de Campos	19	38	39	36	-	44
Felipe Neri Teixeira	12	22	21	27	37	58
Joaquim José Teixeira	4	17	27	26	32	39
Maria Teresa do Rosário	4	7	10	9	6	11
João Rodrigues da Cunha	5	7	7	5 ^a	4	10

Nota: a. O fogo de João Rodrigues da Cunha não foi encontrado em 1805, por isso as informações dessa coluna se referem a 1804.

Fonte: Listas Nominativas de Campinas, 1790-1810. Arquivo Público do Estado De São Paulo

Na senzala de Antônio Ferraz de Campos, viveram ao longo de 15 anos um total de 44 cativos, enquanto a de Joaquim José Teixeira parece ter tido uma circulação bastante maior, com 58 adultos no total, para formar uma senzala de 37 cativos. É possível entender que as maiores escravarias também tenham passado por maiores instabilidades, argumento respaldado pelos casos de Maria Teresa do Rosário e João Rodrigues da Cunha, os quais têm pouca movimentação dentro de suas senzalas. Estes dois foram os únicos, aliás, que passaram pela diminuição de sua mão de obra escrava – fator este possivelmente determinante para uma maior porcentagem de escravos presentes de 1790 a 1810, visto que não teriam capital para investir em novos cativos, prezaram por aqueles poucos já existentes. A razão para a saída dos escravizados das senzalas não pode ser estabelecida utilizando-se apenas as listas nominativas: isso pode ter ocorrido por fugas, mortes ou vendas. Porém, sugere-se que essa descontinuidade nas escravarias menores possa revelar

uma preferência senhorial por aqueles escravizados antigos, visto que os poucos novos escravos de João Rodrigues e Maria Teresa desaparecem rapidamente da documentação, permanecendo, em geral, os cativos mais antigos.

Considerações Finais

A grande expansão da lavoura canavieira que ocorreu a partir da década de 1790 trouxe transformações profundas a Campinas, de maneira que sua população cresceu enormemente, especialmente no número de escravizados, bem como de sua exploração no ritmo de trabalho. Este texto propôs uma análise longitudinal das cinco maiores escravarias dessa vila entre 1790 e 1810, a fim de entender a montagem dessas senzalas nesse período de expansão. Apesar dos resultados serem iniciais, pode-se observar a continuidade de cativos dentro da mesma senzala, ao contrário do que se poderia imaginar – seja pela alta mortalidade ou mesmo pela venda. Ressalta-se, assim o papel fundamental dos cativos presentes no início da expansão canavieira para o desenvolvimento daqueles engenhos, visto que a existência de circulação de escravos nas senzalas não impossibilitou a continuidade dos cativos presentes desde o início da montagem do parque açucareiro campineiro.

Deve-se ressaltar que a dimensão das escravarias analisadas, superiores à média do período, bem como a longevidade dos proprietários – levando o processo sucessório ser mais tardio –, favoreceram o processo de estabilidade dentro dessas senzalas. Entretanto, estas tentativas iniciais de acompanhamento possibilitaram refletir sobre a continuidade dos cativos numa mesma escravaria, trazendo à luz o debate sobre as possibilidades e limitações no estabelecimento das relações familiares e de compadrio dentro do sistema escravista de uma vila em expansão açucareira.

REFERÊNCIAS

Fontes

LISTAS NOMINATIVAS DE HABITANTES. JUNDIAÍ. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo. Acervo Manuscrito. Anos: 1790, 1791, 1792, 1793, 1794 e 1796.

LISTAS NOMINATIVAS DE HABITANTES. CAMPINAS. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo. Repositório Digital. Anos: 1797, 1798, 1799, 1800, 1801, 1803, 1804, 1805, 1806, 1807, 1808, 1809 e 1810. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/macospopulacao. Visto em: 10/01/2019.

Bibliografia

BACELLAR, Carlos de A. P. Os senhores da terra: Família e sistema sucessório entre os senhores de engenho do Oeste Paulista, 1765-1855. Campinas: Centro de Memória/Unicamp, 1997.

BACELLAR, Carlos de A. P. Arrolando os habitantes no passado: as listas nominativas sob um olhar crítico. *Locus: revista de história*. Juiz de Fora, v. 14, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/locus/files/2010/02/55.pdf>>. Acesso em: 06/02/2020.

BACELLAR, Carlos de A. P.; SCOTT, Ana Silva Volpi. "Sobreviver na senzala: estudo da composição e continuidade das grandes escravarias paulistas, 1798-1818". In: NADALIN, Sergio Odilon; MARCÍLIO, Maria Luiza; BALHANA, Altiva Pilatti (Orgs.). *História e população: estudos sobre a América Latina*. São Paulo: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados, 1990.

BACELLAR, Carlos de A. P. As listas nominativas da capitania de São Paulo sob um olhar crítico (1765-1836). *Anais de História de Além-Mar*. Vol. XVI: 313-338, 2015. Disponível em: <<https://run.unl.pt/handle/10362/19813>>. Acesso em: 09/01/2020.

BLACKBURN, Robin. *The American Crucible: Slavery, Emancipation and Human Rights*. New York: Verso, 2007.

EISENBERG, Peter. *Homens esquecidos: escravizados e trabalhadores livres no Brasil, séculos XVIII e XIX*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. *Evolução da sociedade e economia escravista de São Paulo, de 1750 a 1850*. São Paulo: Edusp, 2005.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *Crescimento demográfico e evolução agrária paulista (1700-1836)*. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 2000. MELO, José Evando Vieira de. *O açúcar no café: agromanufatura açucareira e modernização em São Paulo (1850-1910)*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-11062010-110407/pt-br.php>>. Acesso em: 10/01/2019.

MINTZ, Sidney. *O poder amargo do açúcar*. Produtores escravizados, consumidores proletarizados. Organização e tradução de Christine Rufinu Dabat. Recife: Editora Universitária UFPE, 2003.

MONT-SERRATH, Pablo Oller. *Dilemas e conflitos na São Paulo restaurada: Formação e consolidação da Agricultura Exportadora (1765-1802)*. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-26022008-131516/pt-br.php>>. Acesso em: 10/01/2020.

MORENO FRAGINALS, Manuel. *O Engenho: complexo sócio-econômico açucareiro cubano*. Trad. Sônia Rangel e Rosemary C. Abílio. São Paulo: HUCITEC/Ed. UNESP, 1987.

PETRONE, Maria Thereza Schorer. *A lavoura canavieira em São Paulo: Expansão e declínio (1765-1851)*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

ROCHA, Cristiany. *A morte do senhor e o destino das famílias escravas nas partilhas. Campinas, século XIX*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 26, n.º 52, p. 175-92, dez./2006. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-018820060002_00008>. Visto em: 08/01/2020.

SLENES, Robert W. *A formação da família escrava nas regiões de grande lavoura do Sudeste: Campinas, um caso paradigmático no século XIX*. Revista *População e Família*. São Paulo, vol. 1, n.º 1, 1998.

SLENES, Robert W. *Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava, Brasil Sudeste, século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Artigo recebido em 06/12/2020 e aprovado em 01/03/2021.